

ATRIBUTOS E CARACTERÍSTICAS DOS TERMOS DADOS INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO ENQUANTO ELEMENTOS FUNDANTES PARA O CAMPO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: UMA ABORDAGEM HISTÓRICO-EPISTEMOLÓGICA.¹

Rafael Ap. Moron Semidão²

RESUMO

A Ciência da Informação como área de conhecimento adota recorrentemente os termos dados, informação e conhecimento como um insumo teórico básico para suas tramas conceituais, indicando, dessa forma, a importância estrutural que tais termos transportam. O enfoque desses termos a partir de uma ótica epistemológica busca esclarecer aspectos que delimitam e solidificam cientificamente a Ciência da Informação desde aqueles elementos que constituem seu objeto fundamental de estudo.

PALAVRAS-CHAVE

Ciência da Informação; Dados, Informação e Conhecimento; Abordagens Conceituais.

A ciência da informação e conhecimento humano

Desde que se sobrepôs ao natural e imediato pelo surgimento da cultura como realidade abstrativa e propriamente humana, o pensamento humano inclina-se a uma certa tensão para a unidade do conhecimento como um todo. O fator agregador das várias esferas do conhecimento foi identificado desde cedo com o chamado fundamento do conhecimento humano.

A busca (explícita e consciente ou não) desse tal fundamento impulsionaram, ao longo da história, o surgimento de distintas correntes e escolas filosóficas que alargaram o espectro do conhecimento cultural acumulado e criaram as mais diversas possibilidades de articulação dos campos do saber em uma estrutura que refletisse a lógica interna do conhecimento.

Nessa linha houve incursões pela esfera social e política, cuja organização do conhecimento expressa funções administrativas como no exemplo das divisões por departamentos no âmbito de uma universidade; ocorreram também muitas tentativas de se organizar o conhecimento em uma estrutura lógico-filosófica, mais especificamente em

¹ Artigo que expressa resultados parciais de pesquisa apoiada por Bolsa FAPESP Iniciação Científica.

² Aluno do 3º ano de Arquivologia, sob orientação da Profª. Drª. Marta Lígia Pomim Valentim, Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP, CEP 17525.900, Marília, São Paulo, Brasil. rafaelsemidao@marilia.unesp.br

termos de ciências puras; além de tentativas de se estruturar o conhecimento para fins técnicos e/ou práticos.

Esse empenho para a organização do conhecimento seguiu seu curso pela história da humanidade e seu lastro histórico pode ser depreendido das antíteses entre correntes filosóficas (REALE, G; ANTISERI, D, 1990). Em certo momento, todavia, a organização do conhecimento passa, ela mesma, a ser tomada como objeto de pesquisa (CARVALHO, O, 2007); as problemáticas próprias e específicas da organização do conhecimento passam a ser o foco desde uma “meta-perspectiva”, propiciando uma maior consciência e visibilidade das questões envolvidas.

Um *locus* livre em que os vários campos do conhecimento poderiam se articular e fecundar sem se diluir um no outro; um espaço mediador na interlocução entre as muitas esferas científicas. Seria possível identificar nessa organização do conhecimento com as raízes da Ciência da Informação (CI) ou pelo menos sua primeira fase, e dessa forma, estabelecer critérios para delimitação da área perante o quadro maior das ciências, já que conhecendo seu lastro histórico-científico, as relações epistemológicas se esclareceriam por tabela.

Dessa forma, em se identificando historicamente a Ciência da informação com a Organização do Conhecimento, cabe discorrer sobre o papel desempenhado pelos termos fundantes dados, informação e conhecimento no contexto complexo em que a natureza da área aborda o trato informacional com vistas à organização e obtenção de novos conhecimentos.

Identificação da natureza complexa

Dessa identificação com a organização do conhecimento, a CI receberia a “mais valia” da possibilidade de se reconhecer como uma área em si no largo catálogo das Ciências.

Assim, como *locus* para o diálogo entre os campos do conhecimento e como expediente para sua organização, no decorrer de seu percurso histórico a CI sofre profundas mudanças, por conta justamente daquilo que Wersig (1993, p.229-239, tradução nossa) chama de “mudança do papel do conhecimento”; o conhecimento (ou a ação de conhecer, de buscar conhecimento) ganha os traços (quase exclusivos) de um conhecimento para fundamentar a ação, eis aqui a noção de informação.

Nesse momento histórico, a humanidade vive sob os efeitos e consequências da Segunda Grande Guerra, sobretudo sob o efeito impactante das tecnologias de informação e

da comunicação (TICs) que perpassa todos os contextos da sociedade (burocracia estatal, políticas de mercado, trato científico) produzindo e demandando grande quantidade de informações. Nesse contexto, surge a Ciência da Informação (segunda fase), como meio teórico para abarcar cientificamente a demanda da “explosão da informação”, visto que o conhecimento já atua em novos papéis.

Muitos têm sido os esforços, desde então, para a construção da CI como área teórica e aplicada que abarque efetivamente seu objeto de estudo: a informação.

A história da CI revela, desde o início, suas nuances de uma Ciência de natureza muito complexa, como se pode notar nas revisões de Pinheiro e Loureiro (1995) e em Buckland e Liu (1998). Observa-se que não há consenso na área em nenhum nível, bem como há, essencialmente, um teor muito forte de interdisciplinaridade, além de desacordos terminológicos.

Essa complexidade da CI não deveria surpreender já que, desde a ideia de organização geral do conhecimento até o abarcamento das problemáticas acerca da informação, não se poderia aceitar uma concepção simplista da CI. Ela de fato não poderia seguir a risca os contornos de uma “Ciência Clássica”, ainda que não possa se reduzir a um conjunto de técnicas e prática articuladas, pois ela requer para si o peso de uma área científica, a conjuntura político-científica também exige que seja uma disciplina autônoma, dado a complexidade que marca todo o campo do existir humano atualmente.

Desse modo, a CI teria que tomar consciência de si como uma Ciência sim, todavia complexa, conforme afirma Wersig (1993, p.229-239, tradução nossa):

[...] não se terá uma teoria, mas um arcabouço de conceitos científicos genéricos ou modelos conceituais comuns reformulados que estão entrelaçados sob dois aspectos: como eles foram desenvolvidos e como eles podem ser conectados por meio do ponto de vista do problema do uso do conhecimento sob as condições pós-modernas da informação.

Isso denota uma espécie de “metaciência” que como universo teórico subsidiária, com material conceitual, os diversos contextos que tratam a informação na sua complexidade e que envolvem a sua relação com dados e conhecimento.

Seria, ainda, o mesmo que se depreende “[...] ao considerar o termo “Ciência da Informação” funciona como mero significante, ou seja, que o mesmo propõe-se como uma forma vazia conceitualmente, podendo ser preenchido circunstancialmente” (SMIT; TÁLAMO; KOBASHI, 2004). Esse “preenchimento circunstancial” é o que aqui se entende como a ação de subsidiar determinado contexto de informação por parte da CI, em que ela, em suas abordagens, propiciaria o entendimento do contexto com seu conseqüente domínio.

Seria essencial pressupor essa natureza complexa em qualquer construção teórica no âmbito da área. Ela seria abrangente (mas não meramente conciliatória) de modo a permitir uma complementaridade de abordagens desde, por exemplo, o método experimental de Claude Bernard; usando-se os crivos de racionalidade de Karl Popper; até abordagens mais contemporâneas como a *autopoieses* dos biólogos Maturana e Varela e o Pensamento Complexo de Edgar Morin.

Pensando a CI nesses termos, seria possível estender sua abrangência para a esfera do prático e imediato do trato da informação e de lá para o arcabouço conceitual e vise-versa, pois como explica Barité (2001, p.35, tradução nossa) “[...] nenhum marco teórico-conceitual resultará válido e eficaz se não está diretamente articulado com necessidades e exigências reais dessa prática profissional ou disciplinária e com a solução de problemas”.

Os termos dados, informação e conhecimento como fenômeno para próprio para a fundamentação epistemológica da área.

Mas diante disso tudo por onde começar? Seria possível usar como resposta a essa pergunta as palavras de Zins (2007, p.527, tradução nossa):

[...] seria importante se basear em uma formulação sistemática do conceito de Ciência da Informação e esta conceituação sistemática da Ciência da Informação teria que ser erigida sobre a base de uma sistemática conceituação dos termos constitutivos dados, informação e conhecimento”.

Dos conteúdos consensuais encontrados na bibliografia da área de CI, destacam-se os termos dados, informação e conhecimento. Estes são tomados como objetos de pesquisa da área de CI, nos mais diversos enfoques, como se pode observar no mapeamento do conhecimento da área empreendido por Zins (2007).

Comumente esses elementos são definidos como estágios de uma articulação, em que dado seria fruto da percepção (primeira) de um fenômeno qualquer, informação seria a mediação humana para a compreensão e apropriação desse dado, e conhecimento seria o último e mais elaborado grau de articulação, visto que seria o estabelecimento de relações entre o conhecimento acumulado com essa informação apropriada, gerando ou não um novo conhecimento. Nessa linha de pensamento aqui adotada, esses três elementos são pensados como um fenômeno único, multifacetado e de valor conceitual.

Com vistas a um maior esclarecimento, é possível traçar uma analogia com a figura dos vasos comunicantes, em que a mesma água está por toda a parte, mas em cada um dos vasos com uma forma e, sobretudo, com uma função diferente.

Assim, essa “mesma água” seria o fenômeno DIC, enquanto conceito de valor interpretativo/explicativo, e cada função e forma diferente refere-se a um contexto (seja semântico, linguístico, organizacional ou o que for). Tendo em mente que DIC presta-se a função de compreender e descrever o contexto, a chave para se efetivar essa sua função seria o estudo daqueles atributos que caracterizam DIC para dado contexto. Esses atributos são como “manifestações funcionais” de DIC no contexto a que serve.

“Manifestações funcionais” tratadas por uma “abordagem pragmática” (BUCKLAND, 1991, p.351-360), e por uma “epistemopraxis” (CAPURRO, 2003) em que cada atributo é trabalhado para adaptar a teoria (DIC) a uma realidade informacional específica (o contexto).

Pragmática, todavia explicativa e não relativista, ou seja, uma abordagem que capte o contexto e o descreva visando um objetivo (como uma estratégia de competitividade no âmbito das organizações) e não uma abordagem incisiva que construa o contexto.

O primeiro atributo de DIC seria a noção de relevância, que seguindo a mesma linha de raciocínio da “manifestação funcional”, expressaria que para aquele certo contexto DIC é relevante. A partir disso, pode-se definir relevância pelo vies da Lingüística, das teorias sistêmicas, da etimologia da palavra etc.

Saracevic (1975) descreve relevância como um critério/medida/relação de efetividade de um processo de comunicação no âmbito da Recuperação da Informação. Schamber e Bateman (1996) concebem a relevância como critério, mas enfocando o usuário da informação. Harter (1992) também pensa a relevância em termos de efeitos cognitivos causados pela comunicação da informação.

Essas definições trazidas para o âmbito da manifestação funcional de DIC fazem transparecer a ideia de um filtro, pelo qual se possa elaborar a tradução de um domínio específico para o quadro de conceitos que serão usados para a realização de um objetivo, como no caso acima o processo de recuperação e comunicação da informação.

Há aqui uma articulação lógica de relações possíveis, que encontram aparentemente um paralelo na noção proposta por Wersig acima citada, cujo enfoque é o entrelaçamento de conceitos gerais que respondam a problemas específicos.

Prevê-se a categorização e classificação dos contextos e dos atributos em quadros de referência, em que serão dispostos conceitos explicativos e que poderão permitir uma aplicação eficaz por ser altamente adaptável.

Além da relevância, os outros atributos que estão sendo mais recorrentemente identificados na bibliografia de CI são a evidência e pertinência, ambos encontram-se sob abordagens diversas, o que faz supor seu caráter complexo de valor explicativo e, assim, mostram-se potencialmente aptos de serem tomados como manifestação funcional.

Assim entende-se que seja possível empreender um estudo sobre DIC que não seja simplista, mas sim abrangente e complexo como a própria natureza da CI requer, e com isso se possa de algum modo auxiliar os cientistas da informação em suas pesquisas e os gestores da informação em suas estratégias de ação prática perante, inclusive, a influência incisiva das tecnologias de informação e comunicação.

Por se entender o universo de uma Ciência como um todo, é que se justifica partir da história e de uma epistemologia indiretas, para assim enquadrar os elementos Dados, Informação e Conhecimento enquanto objeto de estudo, no horizonte maior da CI. Só assim, será possível partir para os esclarecimentos mais específicos acerca de DIC e de como esse fenômeno vem sendo abordado.

Um maior detalhamento de cada atributo vem sendo realizado sempre com base nas linhas de raciocínio aqui apresentadas, e a partir dessas mesmas linhas vem sendo pensadas ainda questões paradigmáticas e questões relativas a influência cultural da tecnologia sobre o trato científico, particularmente com respeito as abordagens da Ciência da Informação.

Não se crê possível, de fato, uma concepção simplista da CI, pois notadamente “a Ciência da Informação se situa entre a utopia de uma linguagem universal e a loucura de uma linguagem privada” (CAPURRO, 2003).

Referências

BARITE, M. Organización del conocimiento: un nuevo marco teórico-conceptual en Bibliotecología y Documentación. In: CARRARA, K. (Org.). **Educação, universidade e pesquisa**. Marília: Oficina Universitária, 1999. p.35-60 (Textos completos do III Simpósio em Filosofia e Ciência - Paradigmas do Conhecimento no Final do Milênio)

BATEMAN, J.; SHAMBER, L. User criteria in relevance evaluation: toward development of a measurement scale. In: ANNUAL CONFERENCE PROCEEDINGS, 1996. **Anais...** Assis, 1996.

BUCKLAND, M. Information as thing. **Journal of the American Society of Information Science**, v.2, n. 5, p. 351-360, Jun 1991.

BUCKLAND, M.; LIU, Z. History of Information Science. In: HAHN, T. B.; BUCKLAND, M. (Org.). **Historical studies in Information Science**. Medford: Information Today, 1998. p.272-295.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 5., 2003. **Anais...** Belo Horizonte, 2003. (CD-ROM)

CARVALHO, O. **História essencial da Filosofia**: Maquiavel e a formação das identidades nacionais. São Paulo: É Realizações, 2007.

HARTER, S. Psychological relevance and Information Science. **Journal of the American Society for Information Science**, v.43, n.9, p.602-615, 1992.

KOBASHI, N. Y.; SMIT, J. W.; TÁLAMO, M. F. G. M. A determinação do campo científico da Ciência da Informação: uma abordagem terminológica. **DataGramaZero**, v.5, n.1, 2004.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

REALE, G; ANTISERI, D. **História da Filosofia Antiga**. São Paulo: Paulus, 1990.

SARACEVIC, T. Relevance: a review of and a framework for the thinking on notion in Information Science. **Journal of the American Society for Information Science**, v.26, n.6, p.321-343, 1975.

WERSIG, G. Information Science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing & Management**, v.29, n.2, p.229-239, 1993.

ZINS, C. Knowledge map of Information Science. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v.58, n.4, p.526-535, 2007.